FURIO LONZA

O HOMEM

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2015

EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

PREPARAÇÃO
Sérgio Molina

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L862H LONZA, FURIO. 1953 -
O HOMEM / FURIO LONZA. -
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2015.

182 P. : 23 CM.

ISBN 978-85-69033-11-0

1. ROMANCE I. TÍTULO.

CDD B869.3

Índices para catálogo sistemático:
1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

O HOMEM

FURIO
LONZA

Capítulo 1

Padre Olavo olhou para aquele homem com a mesma curiosidade que tivera no início de seu sacerdócio ao se deparar com determinados versículos da Bíblia que traziam em seu bojo mensagens oblíquas. Os recados das parábolas eram de paz e quietude, isso era indubitável, mas as palavras confundiam. A tal ponto rebuscadas, poderiam muito bem sugerir o contrário. A questão que aquele homem rude lhe trazia o deixara pensativo. Permaneceu calado durante os minutos que se seguiram à revelação, o que não era seu estilo. Como tinha solução para tudo, era a ele que a comunidade procurava nos momentos mais difíceis, particularmente nas periódicas crises de fé, levando em conta que é impossível acreditar num deus misericordioso diante de tanta injustiça e miséria. Mas, desta vez, o caso era outro, e o silêncio incomodava o homem.

O padre coçou o queixo. Ajeitou o cabelo que lhe caía na testa. Esfregou as mãos. O que dizer? Dar início à clássica lenga-lenga de que os desígnios de Deus eram insondáveis e as criaturas

aqui de baixo tinham que aceitar caladas cada qual seu destino? Achou que não seria esse o caminho mais adequado. Levantou-se de sua cadeira na sacristia, local mais do que apropriado para receber os fiéis e seus problemas, e ficou andando pela sala, com as mãos às costas.

Então, padre?, insistiu o homem.

A situação era clara: estava sendo pressionado. O infeliz não queria uma saída, uma solução. Queria um pouco de alento para enfrentar aquela provação divina. Precisava de uma palavra oficial de tranquilidade. Mas ficou pasmo quando percebeu que o padre estava claramente querendo ganhar tempo, pois ele disse:

O senhor tem certeza disso?

O homem argumentou que não era cego. Sabia muito bem distinguir um filho branco de um negro. E completou o raciocínio assim:

Estou lhe estranhando, padre. Que pergunta é essa?

Mesmo sabendo que mais da metade da população do país era negra, mestiça ou mulata, naquela região, por uma incrível coincidência do destino, os únicos negros eram os remanescentes de um velho quilombo debelado há um século. Viviam apartados do resto da cidade, eram ensimesmados e arredios e todos tinham mais de oitenta anos. Os mais jovens tinham fugido da seca e debandado para outras terras havia muito tempo. Portanto, a lógica da infidelidade não batia.

Ele se lembrava bem do episódio. Era o primeiro filho do casal, e a gravidez da mulher fora motivo de alegria na cidade. Oito meses antes, logo após o anúncio, o casal improvisara uma festa. Muita cachaça, cantorias e bailados no terreiro da casa. Discursos. Rezas. Danças. E, agora, de repente, o enigma.

Como a sua mulher reagiu?

No começo, assustou, mas, depois, o senhor sabe como é mulher, tem amor imenso, o leite começou a esguichar, foi como se nada tivesse acontecido de estranho: deu o peito, a criança começou a sugar e ela abriu um enorme sorriso.

Meu filho, disse o padre, só uma coisa que não entendo, e o senhor não leve a mal o que vou perguntar.

O homem ficou esperando.

Sua mulher viajou nove meses atrás?

Não, padre. O senhor me conhece. Sabe das minhas andanças. Levanto cedo, trabalho perto de casa, capino, planto, faço a colheita, empilho. Ao meio-dia, almoço em casa. À noite, mesma coisa. Minha mulher não arredou pé do barraco um minuto sequer. Afinal, onde poderia ir?

Entendo, disse o padre.

Outra coisa: mesmo que tivesse viajado, não poderia desconfiar dela. É mulher de bem. Mulher de um homem só.

E que a união deles estava baseada no companheirismo, na virtude, na lealdade.

Muito bem, disse o padre. Acredito no senhor. Vá para casa e procure descansar. Diga à sua mulher que lhe mando a bênção. Volte aqui amanhã. Preciso meditar um pouco.

O homem colocou de novo o chapéu de palha na cabeça e despediu-se. Uma leve crispada no lábio inferior, porém, denotava sinal de preocupação e mesmo de desapontamento diante da questão adiada. Não era próprio do padre deixar as coisas para o dia seguinte. Geralmente, tudo era resolvido na hora, os problemas mais cabeludos, os litígios, as disputas mais insólitas. Mas aquilo era novo.

Naquela noite, aproveitando a estada do bispo na região para resolver coisas da igreja, foi a sua casa e contou o caso. Precisava se aconselhar. Após a explanação, silêncio. Depois:

O senhor viu a criança?

Não.

Então, como sabe que é verdade?

Confio nos meus paroquianos. De mais a mais, o homem não tem motivo algum para mentir sobre uma questão dessa natureza.

O bispo concordou.

Não sei o que dizer a ele, desesperou-se o padre.

Calma. Tudo tem uma solução. Com fé em Deus, a gente vai saber o que realmente aconteceu. O tempo dirá. Devemos saber esperar.

O que aconteceu é simples, disse o padre Olavo: um casal branco teve um filho negro e nenhum dos dois possui antecedentes de parentesco que possam justificar o caso. Não há negros jovens nesta cidade, nem na vizinhança. A mulher não viajou nove meses atrás. O casal não se separou um décimo de segundo, pois se amam muito e esse filho era esperado há pelo menos cinco anos, pois a mulher tinha dificuldade de engravidar.

O bispo ficou olhando para o padre com curiosidade. Tentava adivinhar seus pensamentos. Ou seu comprometimento de afeto com a comunidade o deixara completamente cego, ou aquelas informações vinham envoltas num manto de ingenuidade, o que, aliás, dava no mesmo. Começou o raciocínio assim:

É temerário supor de antemão que os avós ou tataravós do casal não tenham pigmento algum de melanina na pele. De uma forma ou outra, todos temos ascendência mista.

O senhor tem?

Não que eu saiba.

Pois é. O senhor também não tem certeza absoluta. Aliás, pelo simples fato de termos feito voto de castidade, jamais saberemos.

Novo silêncio. O constrangimento era flagrante. E a conversa não tinha andado um milímetro. O padre sairia dali da mesma forma que tinha entrado. Por isso, disse:

O senhor tem razão. A única saída é apostar na tese da ascendência. Que mais eu poderia dizer ao sujeito?

Que ele provavelmente foi corneado pela esposa, disse o bispo. Haveria uma terceira possibilidade? Ou ele ou a mulher são netos de negros, ou a esposa pulou a cerca. Não vejo outra saída prática senão colocar as coisas nesses termos.

Deu um tempo, verificou as feições do padre, tentando intuir de que modo estava recebendo o que dizia, e continuou:

E também não entendo por que o senhor se esquiva com tanta naturalidade dessas duas hipóteses. Se já veio aqui com um problema sem solução, por que eu teria de tê-la? Porque sou bispo? Sou humano como o senhor. Sou falível como o senhor. Não tenho resoluções mágicas. Não tiro coelhos da cartola. Não manipulo a verdade. Recebo os dados, analiso e deduzo. E outra coisa: não colocaria a mão no fogo por nenhuma mulher desta região. A carne é fraca, a libido anda solta e o fato de não haver negros férteis morando por aqui só reforça a tese de que, se algum dia apareceu um com capacidade de procriar, é bem provável que a curiosidade das fêmeas tenha feito estragos.

O padre indignou-se, levantou da cadeira num jato e apressou sua despedida. Mesmo achando que teria que encarar a questão de frente e falar francamente com o homem, ainda acreditava numa terceira possibilidade. Mas qual seria?

www.editorapenalux.com.br

furio@globo.com

/furio.lonza